

ESTUDO DA ESCRITA DE MULHER EM *UMA TÃO LONGA CARTA*, DE MARIAMA BÂ

tSTUDY OF WOMEN'S WRITING IN *UMA TÃO LONGA CARTA*, DE MARIAMA BÂ

ABDOU KÉBA SYLLA

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras da FALE – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras da UFGD
E-mail: abdou.sylla065@academico.ufgd.edu.br

PAULO CUSTÓDIO DE OLIVEIRA

Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da FALE - Faculdade de Comunicação, Artes e Letras da UFGD. Coordenador do LIAMI – Laboratório InterArtes de Mídia e Imagem
E-mail: paulocustodio@ufgd.edu.br

Resumo: Este trabalho analisa a representação da escrita feminina em *Uma tão longa carta* (1979), de Mariama Bâ, examinando como a protagonista Ramatoulaye utiliza a carta como meio de expressão, reflexão e resistência. O objetivo é demonstrar como a escrita se torna um espaço emancipatório para a mulher senegalesa pós-colonial, permitindo questionar normas patriarcais e redefinir sua identidade. A metodologia baseia-se em teorias sociológicas (Sow, Oliveira), estudos pós-coloniais (Mbow, Sonko) e críticas feministas (Cixous, Duarte, Nunes, Adichie, Anzaldúa). Os resultados revelam que a estratégia epistolar da protagonista constitui não apenas desabafo pessoal, mas crítica sutil à condição feminina na sociedade senegalesa. Conclui-se que a literatura funciona como ferramenta de agência feminina, transformando a escrita em instrumento de resistência e emancipação.

Palavras-chave: Literatura; escrita de mulher; *Uma tão longa carta*; Mariama Bâ.

Summary: This study analyzes the representation of feminine writing in Mariama Bâ's *Une si longue lettre* (1979), examining how the protagonist Ramatoulaye uses the letter as a means of expression, reflection, and resistance. The objective is to demonstrate how writing becomes an emancipatory space for postcolonial Senegalese women, enabling them to question patriarchal norms and redefine their

identity. The methodology draws on sociological theories (Sow, Oliveira), postcolonial studies (Mbow, Sonko), and feminist criticism (Cixous, Duarte, Nunes, Adichie, Anzaldúa). The results reveal that the protagonist's epistolary strategy constitutes not only personal catharsis but also a subtle critique of women's condition in Senegalese society. The study concludes that literature functions as a tool for female agency, transforming writing into an instrument of resistance and emancipation.

Key words: literature; female writing; *Une si longue lettre*; Mariama Bâ.

INTRODUÇÃO

A luta de classes tem marcado a humanidade em todas as sociedades e épocas. Neste contexto, as disparidades de gênero emergem como um dos desafios mais graves, mesmo em sociedades vistas como democráticas ou civilizadas. Essa luta é caracterizada pela sua forma multifacetada, da qual a literatura é uma delas e, muitas vezes, é considerada como um espelho das sociedades que as produzem. Com foco na centralidade deste problema nos estudos sociais, propomos uma reflexão sobre a escrita feminina em *Uma tão longa carta*, de Mariama Bâ, (1929-1981), uma escritora senegalesa. Nesta análise pretende-se salientar a importância da representação da mulher senegalesa, das questões de gênero no pós-colonialismo e da literatura como ferramenta de agência feminina. Neste romance, pode-se encontrar um reflexo potente e diversificado da condição feminina no Senegal pós-colonial.

49

A romancista, Mariama Bâ, é uma pioneira entre as escritoras do Senegal e da África francófona, *Uma tão longa carta* foi seu primeiro romance publicado em 1979. A obra surgiu em um contexto de significativas transformações sociais e políticas na África Ocidental, uma fase de transição na existência desses países recentemente independentes, onde tradições conviviam com as influências ocidentais e as novas realidades da independência. Nessa situação complexa, as mulheres se sentiam presas entre expectativas tradicionais, culturais, como a poligamia e a submissão aos costumes e desejos por maior autonomia e reconhecimento dos seus direitos. Nessa confusão cultural e histórica, Mariama Bâ, sendo ela própria educadora e ativista, tece a narrativa epistolar de Ramatoulaye, uma mulher senegalesa que após a morte de seu marido decide escrever uma carta à sua amiga, Aissatou. O romance epistolar pode revelar-se no início como um desabafo pessoal da protagonista Ramatoulaye que relata à sua amiga de infância a decepção e o sofrimento de ser abandonada pelo marido, Modou Fall, que se casou novamente com a colega e amiga de escola de sua filha, Daba. Além disso, a carta se transforma em um meio de exploração profunda dos temas centrais à

experiência feminina, como a solidão, a maternidade, a amizade, o casamento, a tradição e a busca por identidade. Daí, a missiva torna-se uma espécie de voz coletiva que ecoa as frustrações, as lutas e as esperanças de muitas mulheres africanas da época.

Focando nossa análise em narrativas sociológicas de Sow. F; Oliveira. M.G, para evocar a representação da mulher, sobre estudos históricos de Mbow. P, Sonko. F. B e Sow. F para falar da situação pós-colonial no Senegal e por fim, sobre críticas e teorias literárias de Cixous, H, Duarte. C. L e Nunes. I. R, Adichie. C.N, e Anzaldua. C, para mostrar a literatura como ferramenta de agência feminina.

Este trabalho é dividido em três partes: na primeira, relativamente mais curta que as outras, realizaremos um estudo biográfico e bibliográfico da autora; na segunda, examinaremos a escrita feminina como ferramenta para mapear os sofrimentos das mulheres; e na terceira, destacaremos como essa escrita atua como instrumento de agência feminina.

VIDA E OBRA DE MARIAMA BÂ.

Mariama Bâ nasceu em 17 de abril de 1929 em Dakar, capital do Senegal, filha de Fatou Kiné Gueye e Amadou Bâ, um funcionário da administração colonial que foi vice-prefeito de Dakar em 1947 e Ministro da Saúde do Senegal em 1957. Após a morte prematura de sua mãe, foi criada pelos avós maternos em São Luís, a primeira capital do país. Cresceu em uma sociedade profundamente influenciada pela religião muçulmana e pelas tradições africanas.

Apesar dessas influências, Mariama se destacou na escola francesa e, aos quatorze anos, obteve o certificado do ensino primário. Em 1943, ingressou na Escola Normal de Rufisque, Dakar, onde se formou professora em 1947. Durante seus estudos, também frequentou uma escola corânica, aprofundando-se nas leis do Alcorão. Lecionou por doze anos antes de transferir-se para a Inspeção Regional da Educação por motivos de saúde, vítima de câncer, uma mudança que catalisou sua carreira como renomada romancista da literatura feminina senegalesa.

Mariama teve uma vida conjugal complexa, casando-se três vezes e tendo nove filhos. Essas experiências pessoais a fortaleceram como defensora das causas femininas, levando-a a envolver-se em várias organizações de planejamento familiar e direitos das mulheres. Fundou e presidiu o Cercle Feminino, dedicado à educação e aos direitos da mulher, e foi membro ativo da Federação das Associações de Mulheres do Senegal.

Além de seu trabalho como professora e inspetora de educação, Mariama escrevia artigos para jornais e dava palestras. Sua batalha contra a doença terminou com sua morte em 17 de agosto de 1981. Seus principais trabalhos literários incluem *Une si longue lettre* (1979), *La fonction politique des Littératures Africaines écrites* (1981) e *Un chant écarlate* (1986, póstumo). Em sua homenagem, um colégio na ilha de Goré foi nomeado Casa da Educação Mariama Bâ.

A ESCRITA DE MULHER: FERRAMENTA PARA MAPEAR OS SEUS SOFRIMENTOS

Localizado na extremidade da África Ocidental, na região subsaariana, o Senegal foi profundamente influenciado, ao longo de sua história, tanto pela colonização europeia quanto pela árabe. Contudo, manteve seu forte enraizamento nas tradições e culturas ancestrais africanas. Esse contato com diversas culturas possibilitou uma compreensão ampliada de diferentes formas de ver a realidade. As colonizações árabe e europeia trouxeram e impuseram suas religiões, especialmente o islamismo, que marcou profundamente o povo senegalês e é seguido por cerca de noventa por cento da população. Ressaltamos essa herança cultural por considerá-la essencial para contextualizar esta primeira parte do nosso trabalho.

51

A literatura da África francófona, oriunda das antigas colônias francesas, foi historicamente dominada por escritores homens. Apenas nas décadas de 1970 começaram a emergir as primeiras manifestações da literatura escrita por mulheres. Comparada à produção masculina, a literatura feminina permaneceu invisível ou quase inexistente, reflexo de um padrão também observado em outros domínios da vida social senegalesa. Essa inserção tardia das mulheres no campo literário pode ser atribuída ao caráter patriarcal e machista dessas sociedades. O patriarcalismo se manifesta de forma evidente, silenciando as mulheres por meio de violência física e moral, tanto no ambiente doméstico quanto fora dele. Como destaca Fatou Sow, socióloga e feminista senegalesa:

As mulheres africanas são vítimas de violência todos os dias: dos abusos físicos e sexuais às violências sociais (casamento precoce e forçado, poligamia, mutilações genitais femininas, ritos de viuvez ...), econômicas e políticas. A violência está presente, como em todos os outros contextos e regiões, socializada, legalizada. (Sow, 2008, p 10 – *Tradução nossa*).¹

1 Les femmes africaines subissent des violences au quotidien : depuis des abus physiques et sexuels aux violences sociales (mariage précoce, et forcé, polygamie, mutilations génitales féminines, rites de veuvage,...), économiques et politiques. La violence peut être là, comme dans d'autres contextes et régions, socialisée, légalisée.

Este trecho da socióloga e feminista senegalesa é muito revelador porque permite perceber melhor uma situação preocupante da mulher na sociedade senegalesa mesmo depois de sua independência. Um período que deveria simbolizar uma fase de transição e de liberdade para todo o povo que sofreu muito tempo sob dominação francesa. Mas infelizmente para a mulher, ela continua sendo vítima de injustiça e de todos tipos de sofrimentos em todos os setores. E isso mostra que, além de ser silenciada, ela sofre igualmente fisicamente e psicologicamente.

No mesmo sentido ela acrescenta:

Há ainda muitos assuntos ou questões relativos à condição da mulher que são tabus e é muito difícil, quase impossível de ser evocados, dialogados em público. É o caso do aborto: muitas mulheres praticam o aborto clandestino, e isso com uma taxa muito elevada de mortes, acentuando o problema do infanticídio, um dos assuntos mais tratados nos tribunais. (Sow, 2008, p 10 – *Tradução nossa*).²

As reflexões da feminista senegalesa Fatou Sow elucidam claramente a ausência ou o surgimento tardio das escritoras na literatura da sociedade africana, particularmente no Senegal. Essa realidade pode ser explicada pela interação de diversos fatores: religião, patriarcalismo, tradição e cultura. A partir de seus estudos, podemos analisar as raízes do contínuo sofrimento feminino em muitas sociedades. Para aprofundar essa análise, recorreremos às ideias de Branca Moreira Alves e Jaqueline Pitanguy em *Feminismo no Brasil* (2022). No primeiro capítulo, “A montagem do patriarcado: eles falam”, as autoras exploram como os homens criaram uma narrativa para subjugar as mulheres, perpetuando sua difícil condição.

52

O malefício da mulher se confunde com a origem da humanidade. Segundo a Bíblia, teria havido em algum momento, na origem da vida um casal: Adão, criado à imagem e semelhança de Deus e de Eva, nascida da sua costela para ser uma companheira- pois ele, apesar de viver em um lugar idílico idealizado por Deus e chamado Paraíso, andava triste. Por algum tempo não definido, os dois viveram felizes em um lindo pomar cheio de árvores frutíferas, entre as quais havia uma macieira, que Deus não permitia ser tocada. Então um dia, apareceu uma serpente e enganou Eva, que conduziu seu companheiro a comer uma maçã, desobedecendo à proibição divina [...]. A maldição de Eva

2 Il reste de très nombreux sujets sur lesquels il est difficile, voire impossible de discuter. C'est, par exemple, l'avortement : beaucoup de femmes recourent à l'avortement clandestin, avec le taux élevé de décès que l'on sait, voire à l'infanticide dont les cas viennent fréquemment enassises.

contamina todas as seguintes gerações de suas filhas. Afinal, o que se sabe é que, por sua culpa e, por consequência, de todas as de seu sexo, a humanidade perdeu o Paraíso. [...]. Não é apenas na tradição judaico-cristã que a figura da mulher é maldita, já que os aspectos do perigo e contaminação ligados ao feminino se repetem em quase todas as religiões. (Alves e Pitanguy, 2022, p. 8).

Esses preconceitos fundados, muitas vezes, em ensinamentos religiosos, infligem sérios danos às mulheres. Observamos, ao explorar suas exposições neste primeiro capítulo do livro, que, além da religião, as autoras destacam outros conhecimentos e práticas sociais empregados na campanha de desvalorização feminina, como a coisificação da mulher ao longo da história humana. Neste contexto, foi “repetida ao longo dos séculos por religiosos, filósofos, cientistas, juristas, escritores, políticos e homens de diversas profissões, essa ladainha persistente revela exatamente o que tenta ocultar.” (Alves e Pitanguy, 2022, p.9). Esse discurso serve para sustentar uma política de dominação machista e patriarcal em todas as esferas da vida social.

O argumento a ser explorado é o de que a produção de autoria feminina não se configurou como tema privilegiado e frequente da história da historiografia, mantendo-se em larga medida como o “outro” silenciado, marginal e periférico nos cânones historiográficos e na memória disciplinar. (Oliveira, 2018, p.104)

53

Como a história, a literatura foi também usada como meio de luta para a libertação dos povos colonizados. Nessa mesma dinâmica de emancipação que foi igualmente usada pela romancista senegalesa, Mariama Bâ, em sua obra prima, *Uma tão longa carta*, no sentido de lutar pela autonomia da mulher africana e senegalesa pós-colonial em particular. Daí, a literatura torna-se fundamental em nosso estudo, especialmente para discutir a escrita feminina na obra de Mariama Bâ. Neste romance, os elementos de conotação religiosa são significativos e representam uma das formas de opressão feminina. Conforme mencionado, a religião abordada na narrativa é o Islã, majoritariamente praticado no Senegal.

É importante lembrar que, ao longo da história, a religião tem sido usada de diversas formas para oprimir mulheres, tanto de maneira explícita quanto sutil. Essa opressão se manifesta, muitas vezes, em doutrinas, hierarquias e práticas culturais, que às vezes, são interpretadas e aplicadas para limitar ou restringir a autonomia, a voz e o poder feminino. Isso pode revelar-se pelo fato de que, a maioria das práticas religiosas estabelece mecanismos de submissão da mulher ao homem como regra

básica e fundamental. A mulher é percebida a partir desse momento como um ser secundário, ou até mesmo, como um ser destinado a ser controlado e seguido pelo homem. **É nessa** perspectiva de dominação, opressão e controle da mulher que:

“a religião islâmica explica que é mais honesto e digno para um bom muçulmano casa-se com até quatro mulheres do que ter amantes, pois os preconceitos da religião não permitem o sexo extraconjugal nem as relações sexuais fora do casamento. Com efeito, mesmo que a poligamia não seja uma obrigação que interfira na moral da religião ou na fé do praticante, ela se constitui a partir de uma autorização condicional.” (Bampoy, 2022, p.54.)

Essas palavras de Bampoy ilustram de maneira evidente a ideia segundo a qual, a religião é um dos elementos fundamentais de opressão e invisibilidade da mulher. Ela mostra neste trecho como a religião muçulmana é usada de maneira sutil e eficaz para subordinar a mulher no casamento, mas igualmente nas questões relativas à vida sexual.

E, para acrescentar a essa ideia de opressão da mulher pela religião, pode-se notar que, às vezes, ela favorece ou incita o uso da violência física nas relações entre homem e mulher. É nesse âmbito que se pode perceber melhor as palavras de Sow, notando que: “a violência é um fenômeno normal na cultura, o Alcorão disse que cada marido pode bater na esposa que lhe desobedeça com um pau pequeno, depois um pau médio, depois um pau maior, em função da gravidade do erro.” (Sow, 2008, p.14)

54

A narradora e personagem principal, Ramatoulaye, compartilha com sua amiga, residente nos Estados Unidos, os detalhes de seu difícil cotidiano por meio de cartas. Ela revela ter sido traída e abandonada por seu esposo, Modou Fall, que se casou novamente com Binetou, colega e amiga de sua filha mais velha, Daba, sem o seu conhecimento.

A legislação que permite ao homem casar-se com até quatro mulheres é aceita socialmente e tem raízes na religião predominante na sociedade em que vive a narradora. Um trecho revelador ocorre quando Ramatoulaye descobre sobre o segundo casamento de Modou durante uma visita inesperada do Imam e seus companheiros, logo após a cerimônia.

Eles entraram rindo, cheirando o perfume que enchia a minha casa. Sentei em frente deles rindo também.
O Imam iniciou a conversa:
- Quando Deus une duas pessoas, não se pode fazer nada.

- É isso, é isso mesmo, confirmaram os dois companheiros.
Uma pausa. Respirou profundamente e continuou novamente:
- Neste mundo, nada é novo
- É verdade, é verdade, confirmaram de novo Tamsir e Mawdo.
[...]
E o Imam, porta voz, continuou de maneira rápida como se as palavras fossem refogadas na boca dele:
- Sim, Modou Fall, mas felizmente, está vivo, graças a Deus. Só que decidiu casar uma segunda esposa hoje. Nós vimos da mesquita de Grande Dakar onde teve lugar a cerimônia religiosa. [...]
Tamsir continuou acrescentando que: - Modou te agradece muito, ele disse que a fatalidade decide do destino dos seres e das coisas: Deus lhe concedeu uma segunda esposa e não pode desobedecer. (Bâ, 2020, p.71-72 – *Tradução nossa*).³

Ao analisar essas falas da protagonista de *Uma tão longa carta*, pode-se perceber que essa sociedade é patriarcal e machista. A mulher não é respeitada, mas sobretudo, silenciada. Ela tem que aceitar todas as decisões do homem mesmo sendo desfavoráveis. Essa situação da mulher é complicada pelos dogmas e crenças religiosas que o homem usa para satisfazer seus desejos e sacrificar a mulher. Uma situação que revela uma injustiça, e uma hipocrisia que a mulher deve aceitar. A narradora, Ramatoulaye, foi informada pelos parentes do marido depois que eles celebraram o segundo casamento de Modou Fall.

55

Para melhor perceber o significado impactante desse trecho narrativo do livro *Uma tão longa carta* (1979), trazemos o comentário de Penda Mbow, historiadora senegalesa (2001).

3 Ils entrèrent en riant, reniflant avec force l'odeur sensuelle de l'encens qui émanait de partout. Je m'assis devant eux riant aussi.
L'Imam attaque :
-Quant Allah tout puissant met côte à côte deux êtres, personne n'y peut rien.-Oui, oui, appuyèrent les deux autres.
Une pause. Il reprit souffle et continua :
-Dans ce monde rien n'est nouveau.
-Oui, oui, rancherirent encore Tamsir et Mawdo.
[...] Et l'Imam qui tenait le fil conducteur, ne lâcha plus. Il enchaîna, vite, comme si les mots étaient de braises dans sa bouche.
-Oui, Modou Fall, mais heureusement vivant pour toi, pour nous tous. Dieu merci. Il n'a fait quer épouser une deuxième femme, ce jour. Nous venons de la Mosquée du Grand- Dakar où a eu lieu le mariage. [...], Tamsir osa : « Modou te remercie. Il dit que la fatalité décide des êtres et de choses : Dieu lui a destiné une deuxième femme, il n'y a rien...

A essa alienação soma-se o fenômeno crescente da poligamia que, de certa forma, é uma das práticas que produzem invisibilidades e silenciamento das mulheres senegalesas. Importa ressaltar que no Senegal os poderes islâmicos exercem forte domínio nas estruturas políticas, sociais e econômicas, e eles veem com bons olhos a prática da poligamia. De acordo com a autora, em termos de cultura, a poligamia é autorizada no versículo 3 do capítulo 4 do Alcorão: “casa com mulheres que lhe agradam. Tenha duas, três ou quatro, mas se você tem medo de ser injusto, casa apenas com uma. (Mbow, p. 1-2 – *Tradução nossa*)⁴

Além da religião, outros elementos como tradição e cultura também moldam a escrita feminina na obra de Mariama Bâ e, às vezes, contribuem para a invisibilidade da figura feminina nas narrativas. Isso porque tradição e cultura são indissociáveis e definem as práticas e experiências de cada sociedade. Em contextos africanos, esses aspectos são particularmente marcantes e frequentemente perpetuam preconceitos que relegam a mulher a um papel secundário, considerando-a inferior e totalmente dependente do homem. Essa perspectiva machista e sexista confina a mulher ao ambiente doméstico, onde ela é responsável pelos cuidados com crianças e idosos, e pela satisfação das necessidades masculinas, tornando-a assim praticamente invisível.

Na obra de Mariama Bâ, especificamente através da narrativa de Ramatoulaye, observamos como a cultura e a tradição pesam no cotidiano feminino. Esse dia a dia é frequentemente marcado por comportamentos desrespeitosos, comuns a muitos opressores. A narradora Ramatoulaye, por exemplo, relata à sua amiga Aissatou:

56

As nossas existências são parecidas. Conhecemos momentos difíceis e momentos de alegrias conjugais. Sofremos separadamente, as mesmas restrições sociais e o seu peso moral. Eu amava Modou. Eu suporto todos os parentes e próximos dele. Eu acolhia e tolerava as suas irmãs, que muitas vezes abandonavam os seus lares conjugais para viver na minha casa. [...] Elas olhavam as suas crianças brincar e dançar nas minhas poltronas sem reagir. [...] A mãe dele passava e repassava como e quando quisesse, sempre em companhia de amigas para lhes mostrar o sucesso social do seu filho e sobretudo de lhes

4 A cette aliénation, s'ajoute le phénomène croissant de la polygamie qui dans une certaine mesure, est une des pratiques qui rendent invisibles et silencieuses les femmes sénégalaises. Il est important de noter que au Sénégal les pouvoirs religieux (islamiques) dominent fortement les structures politiques, sociales et économiques et acceptent la pratique de la polygamie. Parce que, selon la culture, la polygamie est autorisée par l'islam à son verset trois du chapitre quatre du Coran : « épouse autant de femmes que tu veux. Prends deux, trois ou quatre, mais si crains d'être injuste, épouse seulement une.

fazer visitar aquela linda casa onde ela não vivia. Eu acolhia-a sempre com muito respeito e consideração. (Bâ, 2020, p.41 – *Tradução nossa*)⁵

Observamos que a mulher enfrenta uma vida complexa nessa sociedade. Ela não se casa somente com um homem de sua escolha (ou que foi forçada a escolher), mas com toda a família dele. Ramatoulaye descreve para Aissatou como era difícil conviver com a sogra e suas amigas, que frequentemente a ignoravam durante as visitas à casa do filho, focadas apenas em exibir a riqueza alcançada por ele.

A ESCRITA DE MULHER: FERRAMENTA DE LIBERTAÇÃO

Após períodos prolongados e desafiadores de marginalização em todas as sociedades, a mulher começa a emergir e a conquistar espaço em todas as esferas da vida social. Existe uma crescente necessidade feminina de romper com a opressão e a dominação masculina. O crítico e ensaísta Thomas Bonnici, ao analisar a literatura de autoria “negra”, observou que os conceitos fundamentais da Teoria Pós-colonial poderiam servir como uma perspectiva valiosa para entender a literatura feminista. O anseio por liberdade, similar ao dos “negros” colonizados, é um tema recorrente. Eis o comentário do crítico:

57

Todas as ex-colônias britânicas, francesas e portuguesas exibem uma literatura que se contrapõe à literatura metropolitana caracterizada por escritas subversivas do cânone europeu. Houve uma autodefinição positiva (heroísmo; escravos como senhores de seu próprio destino) e um incipiente grito de independência. (Bonnici, 2005, p. 40).

Como todos os povos que enfrentaram injustiças, as mulheres começaram a superar barreiras e obstáculos sociais, confrontando os preconceitos que as mantinham invisíveis. Esse movimento foi catalisado pelas mudanças sociais, políticas e econômicas no mundo após a Segunda Guerra Mundial. Esse grande conflito provocou uma

5 Nos existences se côtoyaient. Nous connaissons les bouderies et les réconciliations de la vie conjugale. Nous subissions, différemment, les contraintes sociales et la pesanteur des mœurs. J’aimais Modou. Je composais avec ses siens. Je tolérais ses soeurs qui désertaient trop souvent leur foyer conjugal pour encombrer le mien. [...] Elles regardaient sans réagir leurs enfants danser sur mes fauteuils. [...] Sa mère passait et repassait, au gré de ses courses, toujours flanquée d’amies différentes, pour leur montrer la réussite social de son fils et surtout, leur faire toucher du doigt sa suprématie dans cette belle maison qu’elle n’habitait. Je la recevais avec tous les égards

reconfiguração e reorganização global das classes e povos. O período é caracterizado por uma notável diversidade e complexidade de conhecimentos. Após o conflito, surgiram importantes bastiões libertários, incluindo teorias e movimentos literários, políticos e filosóficos, como o Pós-modernismo, os Estudos Culturais e o Feminismo.

Diante dessa necessidade e desejo de liberdade, a mulher adotou a literatura como uma ferramenta de luta para expressar seu sofrimento. É neste contexto que podemos compreender as observações de Hélène Cixous, que destacou:

Falarei de escritura feminina: do que ela fará. É preciso que a mulher escreva: que a mulher escreva sobre mulher e traga as mulheres à escrita, de onde elas foram tão violentamente distanciadas quanto foram seus corpos; pelas mesmas razões, pela mesma lei, com a mesma letal finalidade. A mulher precisa se colocar no texto como no mundo, e na história, através de seu próprio movimento. (Cixous, 1975, p. 129).

Essa necessidade de escrever apontada por Hélène Cixous significa uma busca de sua liberdade, de emancipação. Através da escrita as mulheres tornam-se capazes de questionar, de dialogar com as narrativas que constituem seu mundo ou suas vivências limitadas. Reconquistando seu lugar de direito, a mulher torna-se elemento indispensável e central na elaboração das regras e decisões da sociedade. Sobre-
tudo, consegue ocupar lugares estratégicos que foram considerados como próprios do homem.

58

No que diz respeito a *Uma tão longa carta* (1979) podemos notar, desde o início de sua narrativa, esse apelo de emergência à escrita da mulher. Ramatoulaye escreve uma carta de “escrita feminina” para sua amiga Aissatou, porque é preciso “que a mulher escreva sobre a mulher e traga as mulheres à escrita” (Cixous, 1975, p.129). Uma narrativa epistolar através da qual a narradora relembra seus problemas e suas próprias vivências. É preciso conhecer, porém, que o trabalho mimético está em curso: a narrativa não é somente dela e de sua amiga, mas de todas as mulheres que povoam seu mundo real e seu universo fictício. A Ramatoulaye começa sua narrativa buscando dar notícias à amiga da morte do seu esposo Modou Fall. Porém, o que se vê é que sua carta condensou as expectativas que temos para a escrita feminina, aproveitando para exteriorizar seus sofrimentos, decepções, frustrações

Aissatou,

Recebi a tua carta. Como resposta, abro esta narrativa escrita que se tornou

ponto de apoio neste momento de tristeza: nossa longa prática tradicional me ensinou que a confiança apaga o sofrimento. A tua existência na minha vida não é algo do acaso. Nossas avós, cujas casas eram separadas por uma tapeçaria, trocavam informações ao longo do dia. As nossas mães mostravam-se muito determinadas na gestão de suas famílias. Nós usávamos os mesmos vestidos e mesmas sandálias no mesmo caminho da escola corânica. Enterramos nos mesmos buracos, os nossos dentes de leite, implorando à Fada dos dentes para que eles fossem restituídos, ainda mais belos. (Bâ, 2020, p. 5 *Tradução nossa*).⁶

A tradição de seu povo, portanto, lhe ensinou que “a confiança apaga o sofrimento”, e, neste contexto, o meio de apagar seu mal interior, de se libertar, mas igualmente de “trazer a mulher à escrita” a uma narrativa epistolar. Essa narrativa de Ramatoulaye relata a trajetória de sua própria existência, que é uma maneira de se identificar e de se reconhecer. Ou seja, a mulher deve primeiro saber quem ela é, para conseguir falar realmente de sua condição e, eventualmente, contar às outras mulheres e à sociedade de maneira geral sua existência.

Em outras palavras, a mulher tem que se manifestar, se mostrar, deve sair do silenciamento, enfim se valorizar porque “a primeira é a premissa: convicção firme e inabalável da qual partimos. Que premissa é essa? Nossa premissa feminista é: eu tenho valor. Eu tenho igualmente valor. Não “se”. Não “enquanto”. Eu tenho igualmente valor. E ponto final. (Adichie, 2017, p.7)

É por isso que no livro dessa autora encontra-se uma espécie de recomendação sobre como se deve ensinar as crianças a serem feministas. Percebe-se isso desde o seu título: *Para educar crianças feministas* (2017).

Chimamanda Ngozi Adichie nesse livro dedica essa parte do seu livro a um conjunto de 15 sugestões muito práticas, a forma da escrita parece uma carta que dirige à sua amiga Ijeawele. É uma espécie de escrita direta e pessoal sobre como educar uma filha a ser mulher forte, independente e livre dos estereótipos de gênero. E entre as recomendações podem-se notar de maneira concisa as seguintes:

6 Aïssatou,
J'ai reçu ton mot. En guise de réponse, j'ouvre ce cahier, point d'appui dans mon désarroi :notre longue pratique m'a enseigné que la confiance noie la douleur. Ton existence dans ma vie n'est point hasard. Nos grands-mères dont les concessions étaient séparées par une tapade, échangeaient journallement des messages. Nos mères se disputaient la garde de nos oncles et tantes. Nous, nous avons usé pagnes et sandales sur le même chemin caillouteux de l'école coranique. Nous avons enfoui, dans les mêmes trous, nos dents de lait, en implorant Fée-Souris de nous les restituer plus belles.

- 1) Diga a ela que a diferença de gênero não justifica nada,
- 2) Seja um exemplo para a criança,
- 3) Use a linguagem de forma consciente,
- 4) Cuidado com as expectativas de gênero,
- 5) Leia livros para ela,
- 6) Questione o “statu quo”,
- 7) Ensine-a a ser independente,
- 8) Ensine-a a amar livros,
- 9) Dê a ela o direito de ser ela mesma,
- 10) Evite a força das restrições sociais,
- 11) Questione o conceito de beleza,
- 12) Promova a diversidade,
- 13) Fale sobre sexualidade,
- 14) Ensine-a sobre política,
- 15) Ensine a ter ambição. (Adichie, 2017, p. 8-31)

A análise dessas orientações de Adichie revela uma profunda ligação com a escrita feminina, porque podem ser consideradas como um dos pilares para a criação de vozes femininas autênticas, complexas e poderosas. Elas ecoam na escrita feminina incitando a criação de histórias que poderiam dar mais força às mulheres, celebrando igualmente sua complexidade, desafiando as convenções e imaginando um mundo mais justo e equilibrado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No final da presente reflexão sobre a questão da escrita de mulher em *Uma tão longa carta* (1979) reafirmamos a importância e o impacto dessa forma de expressão na luta pela emancipação da mulher em todas as sociedades e todas as épocas. A escrita feminina nessa obra revela um universo de complexidades, desafios e sobretudo, uma verdadeira resiliência diante das estruturas patriarcais e das tradições culturais.

A escrita de Mariama Bâ, torna-se um instrumento poderoso para a emancipação da voz feminina e a crítica social. Ao mesmo tempo, ela oferece um vislumbre da reconstrução da identidade em face da adversidade.

Nesta análise podemos considerar a escrita feminina como uma forma de mapear os sofrimentos da mulher, desde a origem dessa desigualdade, passando pelas diferentes formas de teorias e regras de opressão feminina em todos os domínios da vida da humanidade até os nossos dias. Nesse romance em destaque, a narrativa de Ramatoulaye, por meio de sua carta, revela essa situação de desabafo, de exteriorização de seus sofrimentos isso, depois da morte de seu esposo, Modou Fall.

Paralelamente a isso, a escrita feminina em *Uma tão longa carta* revela-se igualmente como forma de reconstrução identitária e de reafirmação de subjetividade da mulher na sociedade em que foi invisibilizada. Isso pode-se notar também através da protagonista, Ramatoulaye, um símbolo de resistência às injustiças, desafiando as normas, rompendo os tabus com o objetivo de trilhar caminhos sobre a experiência de ser mulher em sociedades em perpétua mutação.

Assim, é também muito importante notar que ao estudar a escrita feminina nesse romance epistolar, reconhecemos mais do legado da escritora feminina senegalesa, Mariama Bâ, como uma pioneira que através de sua escrita deixou marcas significativas para o feminismo e a literatura africana.

61

Por fim, na análise da escrita feminina em *Uma tão longa carta*, Bâ, na elaboração de sua narrativa através da missiva de Ramatoulaye, mulher senegalesa, conseguiu articular as complexidades da condição da mulher da época com sensibilidade e perspicácia. Utiliza uma forma, uma estética de escrita que podemos chamar de “não engajamento”, vista não como uma fuga da política, mas como uma rejeição ao panfletário. Uma forma de escrita que se mostra eficaz e sutil para questionar as normas que perpetuam a opressão feminina.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para mulheres escritoras do terceiro mundo. *Estudos feministas*, ano 8, 2000. p. 229-236.

ADECHIE, C. N. *Para educar crianças feministas um manifesto*. São Paulo: Companhia das letras, 2017.

ALVES, B. M e PITANGUY J. A montagem do patriarcado: eles falam. In.: ALVES, B, M e PITANGUY, J (org) *Feminismo no Brasil: Memórias de quem fez acontecer*. Rio de Janeiro: Ed. Bazar do Tempo, 2022. pp. 12-21

BÂ, M. *Une si longue lettre*. Nouvelles Éditions Africaines du Sénégal, 2020.

Bamboky. P, Emancipar-se numa sociedade poligâmica: uma análise de *Une si longue lettre*, de Mariama Bâ, in Mulemba. Rio de Janeiro: UFRJ, volume 14, n° 26, Jan-Jun, 2022, p 47-64.

BONNICI, T. *Conceitos-Chaves da Teoria pós-colonial*. Maringá: EDUEM, 2004.

CIXOUS, H. O riso da medusa. Tradução de Luciana Eleonora de Freitas Calado Depagne. In: BRANDÃO, Izabel (org.) *Traduções da cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010)*. Florianópolis, EDUFAL, Editora da UFSC, 2017

DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. *Escrevivências: a escrita de nós: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, Rio de Janeiro: Mina comunicação e arte, 2020.

62

MBOW, P. L'islam et la femme sénégalaise. *Éthiopiennes: revue negro-africaine de littérature et philosophique*, Dakar, n°66/67, 1-2, 2001.

OLIVEIRA, M. G. Os sons do silêncio: interpretações feministas decoloniais à história da historiografia. *História da Historiografia*. V.11, n°28, set-dez 2018. pp. 104-140

SONKO, F. B. Perspectives critiques du féminisme en Afrique: femme «sous silence» au Sénégal- *Recherche féministe*- vol.35, numéro : 1-2, 2022.

SOW, F. Les défis d'une féministe en Afrique. *Travail, genre et société*, 20 : 2008. pp. 5-22